

iberografias

38

**AS NOVAS GEOGRAFIAS
DOS PAÍSES
DE LÍNGUA PORTUGUESA:
COOPERAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO**

COORDENAÇÃO:
RUI JACINTO



Âncora
editora

Colecção Iberografias
Volume 38

Título: As Novas Geografias dos Países de Língua Portuguesa: Cooperação e Desenvolvimento

Coordenação: Rui Jacinto

Apoio à edição: Ana Margarida Proença e Sofia Martins

Autores: Bartolomeu Israel de Souza; Carlos Augusto de Amorim Cardoso; Célia Campos Braga; Clodoaldo Moraes Montenegro Júnior; Cristiane Marques de Oliveira; Débora Santana de Oliveira; Dirce Maria Antunes Suertegaray; Dora Isabel Rodrigues Ferreira; Fernanda Gonçalves Rocha; Fernando A. B. Pereira; Francisco José Araujo; Giampietro Mazza; Helena Maria da Silva Santana; Igor Breno Barbosa de Sousa; Iolanda Soares de Barros; Itaan de Jesus Pastor Santos; Ivaldo Gonçalves de Lima; Jessica Neves Mendes; Joana Capela de Campos; João Victor de Oliveira Melônio; José Aldemir de Oliveira; José Borzacchiello da Silva; José Ivaldo Barbosa de Brito; José João Lellis Leal de Souza; José Manuel Sánchez Martín; José Sampaio de Mattos Júnior; Leila de Oliveira Lima de Araujo; Lúcio Cunha; Manuela Delrio; Maria do Rosário da Silva Santana; Maria João Costa Gregório; Nicole Agostinha dos Muchangos; Otoni Moreira de Mesquita; Pedro M. Tavares; Pedro Vianna; Rafael Albuquerque Xavier; Ronaldo Barros Sodré; Rubens Teixeira de Queiróz; Rui Jacinto; Sofia S. Guilherme; Vítor Murtinho; Walter Guedes da Silva

Pré-impressão: Âncora Editora

Capa: Cláudia Fonseca | Âncora Editora
Fotografia: Vizinhança, Recife, Brasil, 2019
Autor: Rafael Cacau Botelho, Brasil

Impressão e acabamento: Europress - Indústria Gráfica

1.ª edição: julho 2020
Depósito legal n.º 471033/20

ISBN: 978 972 780 720 8
ISBN: 978 989 8676 23

Edição n.º 41038

Centro de Estudos Ibéricos
Rua Soeiro Viegas n.º 8
6300-758 Guarda
cei@cei.pt
www.cei.pt

Âncora Editora
Avenida Infante Santo, 52 – 3.º Esq.
1350-179 Lisboa
geral@ancora-editora.pt
www.ancora-editora.pt
www.facebook.com/ancoraeditora

O Centro de Estudos Ibéricos respeita os originais dos textos, não se responsabilizando pelos conteúdos, forma e opiniões neles expressas. A opção ou não pelas regras do novo acordo ortográfico é da responsabilidade dos autores

Financiado por:



As Novas Geografias dos Países de Língua Portuguesa: um lento devir	7
Rui Jacinto	
PATRIMÓNIOS, PAISAGENS E DESENVOLVIMENTO LOCAL	
Amazônia: Conceito, Paisagem e Região	25
José Aldemir de Oliveira	
Atividade de campo, paisagem e interdisciplinaridade, na Chapada do Araripe, Semiárido Brasileiro	51
Bartolomeu Israel de Souza, Dirce Maria Antunes Suertegaray, José João Lellis Leal de Souza, Pedro Vianna, Rafael Albuquerque Xavier, Rubens Teixeira de Queiroz	
Características do Ambiente Climático no Sul do Brasil	77
Célia Campos Braga, Fernanda Gonçalves Rocha, José Ivaldo Barbosa de Brito, Lúcio Cunha	
As paisagens culturais como leitura do território. O caso da Sardenha	89
Giampietro Mazza, Manuela Delrio	
Paisagem, Lugar e Memória: a pequena África Carioca	101
Leila de Oliveira Lima Araujo	
O papel das ruínas na rede das aldeias históricas de Portugal	111
Maria João Costa Gregório	
A arte e a cultura Ibérico/ Flamenga nas cortes de D. Catarina e de D. Joana de Áustria: Mecenas régio, político-religioso feminino, entre os Avis e os Habsburgo	121
Pedro M. Tavares	
Orientação: Fernando A. B. Pereira, Sofia S. Guilherme	
A música no ritual e no rito da Encomendação das Almas na região transfronteiriça de Guarda/Salamanca	141
Helena Maria da Silva Santana, Maria do Rosário da Silva Santana	
DINÂMICAS SOCIAIS E ECONÓMICAS EM DIFERENTES CONTEXTOS TERRITORIAIS	
Estrutura e Dinâmicas Estratégicas da Diplomacia Cultural Brasileira Contemporânea	157
Cristiane Marques de Oliveira	
Brasil e Portugal, duas rotas de democratização	171
Francisco José Araujo	
Questão campo-cidade: A complexidade das dinâmicas urbana e rural no município de São Luís-MA	185
Igor Breno Barbosa de Sousa, Itaan de Jesus Pastor Santos, Jéssica Neves Mendes, José Sampaio de Mattos Júnior, Ronaldo Barros Sodré	
Ambiente, Identidade e Despovoamento na Serra de Sicó	199
Giampietro Mazza	

Paisagem, Lugar e Memória: a Pequena África Carioca

Leila de Oliveira Lima Araujo¹

Universidade Federal Fluminense

Grupo de Pesquisa ETHOS: Geografia Política, Ética, Gênero e Sexualidade

Introdução

Nos diferentes lugares encontramos as marcas da história descrita nas paisagens urbanas. Por vezes, a população não conhece ou reconhece estas paisagens, tampouco valorizam os lugares de memória nas cidades. Nos últimos tempos, muitos destes lugares, notadamente nas metrópoles, amargam com fraturas, rupturas e desenraizamentos de suas formas históricas aparentes, com o apagamento do seu passado, quando novas formas surgem a todo instante. De certo modo, tais lugares, hoje modificados, possuem paisagens que reafirmam os interesses da racionalidade política e econômica no contexto global.

Numa tentativa de trazer à luz sobre o cenário posto, o presente artigo analisa a *Pequena África Carioca*, lugar de importante representação afrodescendente, que passou por reiteradas tentativas de invisibilização social por parte do *status quo* dominante. Localizada na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, a chamada Pequena África – expressão atribuída por Heitor dos Prazeres por Roberto Moura (1995) – ganhou notoriedade nas últimas décadas moldando representações sobre a presença afrodescendente (VASSALLO, 2018, p. 96).

No entanto, o espaço da *Pequena África Carioca*, ficou conhecido historicamente desde o comércio de escravos ilegal, após 1831. Mesmo depois da abolição da escravatura², até

¹ Licenciada, Bacharel e Mestra em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa ETHOS: Geografia Política, Ética, Gênero e Sexualidade

² Lei Áurea, oficialmente Lei Imperial n.º 3.353, sancionada em 13 de maio de 1888, foi o diploma legal que extinguiu a escravidão no Brasil.

1920, escravos libertos permaneceram trabalhando na região. Muitos deles vieram da Bahia e de várias partes do país a procura de trabalho, onde ergueram suas casas e centros religiosos.

Impactada pelos projetos de intervenção urbanística, a região vem desde os primeiros anos do século XX, passando por reformas como a do Prefeito Pereira Passos. Tais projetos urbanísticos culminaram com o *Porto Maravilha de Revitalização* (2009-2016), que buscou organizar a cidade para os grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de Futebol (2014) e os Jogos Olímpicos (2016). Observa-se que

(...) em meio às tensões provocadas pelos novos projetos de revitalização da região portuária, como o Plano Porto do Rio (2001- 2008) e o Projeto Porto Maravilha (2009-2016), a expressão Pequena África é reapropriada por diversos indivíduos e grupos que afirmam o pertencimento a esse território e lhe imprimem diferentes significados. (VASSALLO, 2018, p. 97)

Para compreendermos o processo de ocupação espacial e a relevância social da *Pequena África Carioca*, o artigo estrutura-se em duas partes principais. A primeira, tece uma consideração teórica sobre os conceitos de paisagem, lugar e memória, por entendermos ser fundamental subsídio para a análise teórica. A despeito do resgate das paisagens dos lugares de memória que, tanto no passado, como no presente requerem tornar-se visíveis, legítimos e reconhecidos para a composição do legado socioespacial e cultural da população afrodescendente. Na segunda parte, o artigo enseja na análise empírica sobre os lugares representativos geograficamente. Sendo assim, examinaremos alguns pontos da *Pequena África Carioca*, constituída pelos bairros Gamboa, Saúde, Santo Cristo, Cidade Nova, Estácio, Catumbi, Lapa, Praça Mauá e um pedaço de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro.

Paisagem, Lugar e Memória: uma breve análise

Entendemos que a paisagem pode ser definida como o espaço geográfico que podemos ver desde um certo ponto, como diria Lacoste (2003). Mas, também como uma mirada, uma *maneira de ver* e interpretar um produto social, que resultou de uma transformação coletiva da natureza e projetou-se culturalmente em uma sociedade num determinado tempo e espaço.

A paisagem aqui denotada, apresenta-se em um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças pretéritas deixadas no lugar, onde representam as sucessivas relações entre o homem e a natureza. Esta reúne ainda, objetos do passado e do presente, num sentido transtemporal, como “uma construção transversal” (SANTOS, 2006, p. 103).

Ela também pode ser analisada como uma unidade visível, que possui uma identidade visual, caracterizando-se por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços

e tempos distintos, do passado e do presente. A paisagem pode conter o velho no novo e o novo no velho, simultaneamente. Dessa forma, ela não só pode nos mostrar como é o mundo, mas também como uma construção, uma composição, uma forma de vê-lo, conforme análise de Nogué (2007).

Neste sentido, os lugares contêm paisagens que expressam lugares. Neles, o seu sentido conflui para experiência cotidiana, e também, como esta se abre para o mundo (RELPH, 2013). As referências pessoais e o sistema de valores direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem no espaço geográfico.

Nas cidades contemporâneas, por exemplo, o papel dos lugares, em um contexto de metropolização, fragmentação e homogeneização, conforma-se à hierarquização por lógicas econômicas e políticas, em geral de caráter extralocal. Temos a percepção que a metrópole parece negar certos lugares, sobrepondo valores e conteúdos hegemônicos às experiências enraizadas na vida cotidiana de cada lugar. No entanto, torna-se necessário o regate da memória espacial, para entendermos a transformação dos espaços urbanos da cidade e percebermos a identidade que qualifica certos lugares.

Nessa perspectiva, é através da memória que o passado pode ser explorado e compreendido. Ela é antes, o meio, onde se dá a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas (BENJAMIN, 1994). Na memória, o espaço, mais que o tempo, fornece os marcadores significativos e as qualidades ideais são situadas simbolicamente (SCHAMA, 1997). A reinterpretação do passado passa, muitas vezes, pelas lentes do tempo presente, pois, recriando-o, mesmo que inconscientemente, buscamos, quando necessário, reproduzir um significado aceitável para o presente.

É preciso pensar e preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992).

A Pequena África Carioca - Lugar de Memória e/ou Lugar de Vida

Compreendida pelos bairros Gamboa, Saúde, Santo Cristo, Cidade Nova, Estácio, Catumbi, Lapa, Praça Mauá e um pedaço de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro, a *Pequena África Carioca*, abrigou africanos vindos do Congo e Angola, que aqui chegaram para ser escravizados. Após a abolição da escravatura tornou-se o lugar preferencial para o destino dos ex-escravos, especialmente baianos, que buscavam trabalho na capital do Brasil³.

Os lugares aqui representados destacam contextos e atores que convergem e divergem, para características singulares cujas gradações tentaremos investigar aqui.

³ A cidade do Rio de Janeiro foi capital do Brasil até 21 de abril de 1960.

O Cais do Valongo – século XIX e hoje

Como toda cidade margeada pelas águas de rios e mares, a cidade do Rio de Janeiro teve ao longo de sua história diversos ancoradouros, até a construção de seu porto oficial. Aqui, destacou-se o Cais do Valongo, que tornou-se o ponto de desembarque de negros oriundos do continente africano para ser escravizados. Este espaço substituiu a atividade do atracadouro da Praça XV, a partir de 1774.

Escondido e de difícil acesso à época, o Cais do Valongo, foi estruturado para recepcionar os negros africanos e sediar o mercado transatlântico. No local, era possível visualizar um ir e vir de negros que seriam comercializados, tornando-se escravos e encaminhados para as fazendas agrícolas no interior do país.

Aproximadamente na década de 1830, quando algumas leis contra a escravidão foram assinadas, o Cais do Valongo encerrou as suas atividades. Na mesma época, o mercado foi fechado para mostrar aos ingleses que estavam cumprindo os acordos de extinção do tráfico negreiro. A inatividade do Cais durou pouco tempo, e em 1843, uma nova estrutura o cobriu, juntamente com o mercado de escravos. Tal finalidade objetivava apagar a memória escrava e criar um novo porto de entrada para a chegada da princesa Tereza Cristina de Bourbon, a futura esposa do Dom Pedro II.

Durante os anos de 1904 e 1910, o Cais foi novamente aterrado. O prefeito Pereira Passos, com sua reforma urbanística, enterrou mais ainda a história do mercado escravo do Rio de Janeiro. Este aterro soma-se a ampliação da área portuária da cidade.

Durante muitos anos o Cais do Valongo permaneceu encoberto. Em 2009, quando o projeto do Porto Maravilha teve suas obras iniciadas, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) conduziu o estudo de pesquisa arqueológica na região do Cais. Em 2011, durante as obras urbanísticas, revelou-se diversas camadas do Cais do Valongo e os vários artefatos trazidos pelos africanos escravizados. Os vestígios arqueológicos ali encontrados, demonstraram como era ativo o mercado de escravos do Rio de Janeiro. Durante o período de operação entre 1774 e 1831, estima-se que 700.000 africanos desembarcaram no Cais do Valongo.

Tia Ciata e a Casa da Tia Ciata Espaço Cultural

A baiana Tia Ciata, mulher negra, migrou como outros baianos para o Rio de Janeiro com o desejo de uma vida melhor, nas últimas décadas do século XIX. Na cidade casou e foi mãe de 14 filhos. Como outras tias baianas, foi quituteira e com seu tabuleiro vendia os seus produtos. Vestia-se com roupas vistosas, colares e pulseiras, afirmando a sua identidade religiosa com o candomblé.

Figuras 1 e 2. Cais do Valongo, 1904 e atualmente.



Figura 1: Augusto Malta

Figura 2: <<https://rioonwatch.org.br/?p=16552>>, acesso em 20 jun. 2019

Ela residiu em diferentes endereços localizados na região central da cidade do Rio de Janeiro, incluindo a Praça Onze, nas proximidades da Pedra do Sal e na Saúde. Algumas das mudanças de domicílio de Tia Ciata, relacionam-se às obras urbanísticas de Pereira Passos, que despejava o morador e derrubava a casa, para “oxigenar a cidade”.

Ela, como outros negros, ex-escravos, afrodescendentes ou mesmo alguns imigrantes europeus padeceram das mesmas dificuldades. Entretanto, eles mantiveram uma relativa convivência harmoniosa, muito devido a subalternização, condição de pobreza material, de vítimas de discriminação racial e perseguição sofridas naquele tempo.

A casa de Maria Hilária Batista de Almeida, nome de batismo de Tia Ciata, como a de outras baianas era o local escolhido para, junto com demais afrodescendente, embalar os ritmos ancestrais. No espaço interno das casas e em áreas públicas próximas, como a Praça Onze, eram realizados encontros musicais embalados por diversos gêneros, tais como choro, maxixe, samba e religiosos. Ali reuniram-se nomes importantes da música carioca, como Pixinguinha, Donga, Heitor dos Prazeres. Os encontros eram regados pelos quitutes produzidos pelas baianas, que seduziam os presentes. Inclusive, inspiraram a primeira escola de samba da cidade do Rio de Janeiro, “Deixa Falar”.

Tia Ciata e demais tias baianas, “eram os grandes esteios da comunidade negra, responsáveis pela nova geração que nascia carioca, pelas frentes do trabalho comunal, pela religião” (MOURA, 1995, 92). Elas expressam a cultura afro-brasileira na cidade carioca.

“Em sua casa, diversas expressões culturais, artísticas e religiosas da cultura negra, perseguidas na época, encontraram um espaço de liberdade e manifestação. Referência até os dias de hoje, Tia Ciata empreendeu há mais de 100 anos ações sociais e movimentos alinhados com pautas debatidas atualmente como o feminismo, racismo e tolerância religiosa.” (VASSALLO, 2018, p. 105)

Fato consagrado por órgãos públicos ligados a cultura, que após inúmeras reivindicações por parte dos ancestrais de Tia Ciata, desejosos de manter a sua memória e da *Pequena África*, estes conseguiram em 2007, abrir o espaço cultural, alicerçado na Organização Cultural Remanescentes de Tia Ciata (ORTC), num espaço cedido pela Prefeitura. Nele, promovem a cultura e o patrimônio artístico de origem afro.

Figuras 3 e 4. Tia Ciata e Casa da Tia Ciata - Espaço cultural



Figura 3: <https://www.aprovincia.com.br/cultura-entretenimento/emporio-cultural/historia/casa-da-tia-ciata-22564/>. Acesso: 28 out. 2019.

Figura 4: <https://oglobo.globo.com/rio/pequena-afrika-joia-do-rio-pode-ter-protacao-da-lei-23694595>. Acesso: 20 jun. 2019

Pedra do Sal

A Pedra do Sal é uma rocha que nomeia o lugar, onde os escravos, no passado, depositavam o sal que chegava no cais do Valongo e depois no Porto do Rio. Não demorou muito tempo para que o seu entorno, se transformasse em local de moradia bastante atraente para os imigrantes baianos que ali chegaram no período do pós-abolição em busca de trabalho na estiva, realizando a coleta e secagem do sal, desembarcado no porto. Foi ali onde abriram as casas de santo, fizeram as rodas de samba e ranchos carnavalescos, transformando-se em ponto de encontro entre africanos remanescentes da escravidão e baianos, conferindo ao lugar intensa sociabilidade. A forte influência cultural negra, soma-se a cultura de estivadores que se reuniam após o expediente para rodas de samba.

Devido a relevância para a população afrodescendente e as intensas lutas de grupos sociais organizados como o movimento negro, a Pedra do Sal, foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultura (INEPAC), em 1984. No relatório de tombamento consta como o monumento mais antigo ao qual se vincula a memória do samba carioca e das manifestações culturais negras da cidade do Rio de Janeiro.

Com o passar dos anos, o lugar na área central da cidade apresenta-se com casas simples e antigas, ruas escuras e baixa atividade econômica. A partir do ano de 2000, numa parceria público-privado, surgiram os projetos urbanísticos do *Plano Porto do Rio*

(2001- 2008) e o Projeto Porto Maravilha (2009-2016), que buscava intensificar os interesses imobiliários para região. Tinham ainda como proposta, além de atrair melhorias urbanísticas, interesses turísticos, baseados nos eventos que a cidade, em breve, iria receber.

No entanto, logo no início da implantação do *Plano Porto do Rio*, notou-se os impactos estruturais e sociais no lugar, ao atrair novos atores e gerar conflitos com os antigos residentes. Neste momento, lideranças negras resgatam a memória da Pequena África e seus diferentes significados para a população afrodescendente. Eles se unem e reivindicam a identidade de remanescente do Quilombo Pedra do Sal, obtendo em 2005 o reconhecimento da Fundação Palmares. Os integrantes do quilombo se consideram herdeiros e perpetuadores das tradições e do modo de vida da comunidade baiana do início do século XX. (GUIMARÃES, 2014).

A Prefeitura por outro lado, amparava-se no discurso da degradação e atraso para justificar as obras urbanísticas. Rapidamente a paisagem passou a ser alterada com a presença de tratores que destruíam edificações, reviravam o solo e abruptamente surgia do passado vestígios portuários da escravidão.

Os integrantes do Quilombo Pedra do Sal e outras lideranças negras com atuação na região, se uniram e passaram a condenar o desprezo com a memória afrodescendente. Tal luta reivindicatória permitiu a manutenção da população com suas tradições e cultura. Tanto que até hoje, o local reúne frequentadores que fazem as tradicionais rodas de samba de raiz, realizam os cultos dos ancestrais e reafirmam a identidade.

Figuras 5 e 6. Os compositores musicais Donga e J. Efegê – Década de 1940 e Comunidade Quilombola da Pedra do Sal



Figura 5: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/terras_de_quilombos_pedra_do_sal-rj.pdf>, Acesso: 20 jun. 2019.

Figura 6: A autora, 2015.

Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos

O Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, foi fundado em 1996, quando os proprietários do prédio descobriram, acidentalmente, ossadas, cerâmica, vidro e ferro e outros metais enterrados, em um imóvel da família, localizado na Gamboa. Intrigados com a descoberta, informaram aos órgãos responsáveis, que com equipes confirmaram a existência de um sítio arqueológico.

Tal fato, está intimamente associado às atividades do Cais do Valongo. O local, recebeu um número elevado de negros africanos ao longo de décadas. Muitos chegavam mortos, após meses viajando em condições insalubres e precárias, outros faleceram em terra e foram enterrados no cemitério dos Pretos Novos. O nome “pretos novos” foi dado aos negros africanos escravizados, recém-chegados ao Rio de Janeiro pelo Cais do Valongo e que eram negociados no mercado de vendas de escravos.

Ocorre que com as obras de urbanização da região portuária, por onde passaria a Linha 3 do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), em 2018, muito do passado da região veio à tona. Empresas de Arqueologia e o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) foram chamados recentemente, para remover o material do antigo cemitério da Igreja de Santa Rita, que existiu até 1770, na atual avenida Marechal Floriano, situado a alguns metros do Cais do Valongo e da Pedra do Sal, quando alguns corpos foram removidos para o cemitério dos Pretos Novos da Gamboa, que funcionou entre 1769 e 1830, especialmente como cemitério de escravos (VASSALLO, 2018).

Sabe-se hoje, que com o passar dos anos, inúmeros aterros silenciaram a memória da cidade. Sobre o cemitério dos Pretos Novos da Gamboa, se encontram prédios comerciais e residenciais. Nada denota na paisagem a existência de um campo-santo no local.

Desde o ano de 2005, o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), passou a estudar e divulgar, a memória do Cemitério dos Pretos Novos. Atualmente, o Centro Cultural, resgata a história da cultura africana na cidade através de atividades culturais e artística.

Conclusão

O que define o lugar de um ou outro grupo são os discursos sobre suas significações e seus valores simbólicos. Desta maneira, os “donos” do espaço são aqueles que detêm o discurso e os saberes sobre ele. Assim, quem possui a memória da paisagem e do lugar o domina, pois, é este que lembra quem define o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido (SOUZA, 2004).

Agindo de forma participativa e atuante, as associações e lideranças negras da Pequena África, após muitas lutas afirmam e reafirmam sua identidade e pertencimento ao lugar, à memória dos africanos escravizados.

Aqui, as lideranças negras emprenham seu discurso de forte significação política nas lutas contra a desigualdade racial. É um lugar onde as mulheres do passado e do presente, assumiram o protagonismo contra o preconceito do negro e atuam para minimizar os embates que buscam a emancipação.

A Pequena África não é apenas sociabilidade festiva dos afrodescendentes, mas também revela a história de homens e mulheres que viveram a dureza do período de escravidão, as resistências contra a dominação e a presente busca pela superação. Eles continuam em constante luta para recuperar a memória do lugar e o seu respectivo papel na cidade contemporânea. Faz-se necessário, principalmente no atual contexto, buscar maneiras para impedir os discursos e as práticas de esquecimentos dos grupos sociais subalternizados historicamente.

Figura 7. Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos



Fonte: <<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/criacao-de-um-museu-dedicado-escravidao-esta-na-berlinda-22311419>>. Acesso: 30 out. 2019.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GOBBI, Nelson. **Criação de um museu dedicado à escravidão está na berlinda**. O Globo, Rio de Janeiro, 21/01/2018. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/criacao-de-um-museu-dedicado-escravidao-esta-na-berlinda-22311419>>. Acesso em jun. 2019.
- GUIMARÃES, Roberta Sampaio. **A utopia da Pequena África: projetos urbanísticos, patrimônios e conflitos na Zona Portuária carioca**. Rio de Janeiro: FGV, 2014. 248 p disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v23n47/0104-7183-ha-23-47-0423.pdf>>. Acesso em out. 2019.

- MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- NOGUÉ, J. **Entre paisajes**, Barcelona: Àmbit Servicios Editoriales, 2007.
- RELPH, Edward. **A paisagem urbana moderna**. Lisboa: Edições 70, 2013.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SOUZA, Angela Maria Gordilho. Da idealização do subúrbio à construção da periferia estudo da expansão suburbana no século XX, em Salvador-BA. **Anais do seminário história das cidades e do urbanismo**, v. 8, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/963>>. Acesso em jan. 2013.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- VASSALLO, Simone Pondé. **A múltipla Pequena África no Rio de Janeiro: perspectivas reflexas de negros e judeus**. Revista Antropolítica, n. 45, Niterói, p.94-122, 2. sem. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/view/663/A%20m%20FAltipla%20Pequena%20%C1frica%20no%20Rio%20de%20Janeiro%3A%20perspectivas%20reflexas%20de%20negros%20e%20judeus>>.